

A Casa Tombada

Curso de Especialização "A NATUREZA QUE SOMOS - FILOSOFIAS E
PRÁTICAS PARA UMA ATUAÇÃO GENUÍNA NO MUNDO"

O Indivisível SER natureza e o SER criança educadora



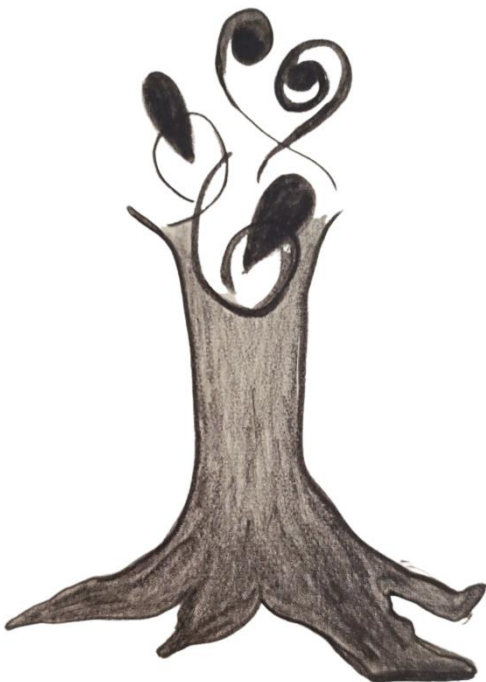
LETÍCIA GODINHO DA SILVA

São Paulo

2022

SUMÁRIO

<i>Preâmbulo</i>	4
<i>I : A criança que fui</i>	6
<i>Mapa da alma</i>	9
<i>O caminho entre a natureza do ser e a natureza da prática pedagógica</i>	12
<i>O todo indivisível</i>	21
<i>Inspirações bibliográficas</i>	24



Dedico o presente trabalho
primeiramente às crianças.
Elas são a minha motivação todos os dias.
Depois a todas as pessoas que assim
como eu, são apaixonadas por essa
relação genuína: Infância e Natureza

PREÂMBULO

Em toda parte, onde um ser vivo se relaciona consigo mesmo, com o resto dos seres vivos, com o planeta, existe um casulo. Todo eu é um casulo.
Emanuele Coccia

Pensar em escrever esse percurso interno da natureza que sou na jornada da “Natureza que somos” não foi um movimento fácil e tranquilo.

Voltei-me para as contribuições da Rita Mendonça após a leitura do ensaio Fragmentos. O ensaio sugere que meus fragmentos seriam um mapa interno que me guiaria em uma jornada de aproximação e afastamento do meu centro. Nesse caminho teci minhas ideias iniciais e adentrei o rio da natureza de ser no mundo.

Além da Pandemia, e suas rupturas coletivas com a realidade, vivi outras mudanças profundas ao longo da navegação desse rio de vida. Ciclos findando e iniciando nas mais diferentes esferas. Tudo ocorrendo ao mesmo tempo. Por muitas vezes, a intensidade dos acontecimentos afastou-me do meu caminho interior, levando-me para mais longe do meu centro.

Percebi, assim, que em algumas aulas, eu estive centrada, presente e entregue. Em outros encontros, estive distante, pois ocupei minha mente com preocupações e urgências do dia a dia. O fato de ser um curso totalmente online foi um dificultador, mostrou o quanto eu preciso da presença e revelou como imersão presencial na Jureia, teve seus percalços para acontecer, mas que deixou marcas profundas em minha alma.

Cheguei a pensar em desistir, sentia-me desenraizada, distante da minha natureza. Era preciso centrar novamente e os exercícios observação das plantas, seu gesto no mundo e sua dança cósmica, consegui enraizar-me, equilibrar-me, prosseguindo nessa jornada.

Habitei muitos casulos e vivi intensas metamorfoses. Mergulhei profundamente em mim mesma. Questionei incansavelmente minhas práticas como educadora das infâncias. A leitura do livro Emanuele Coccia, *Metamorfoses*, caminhou ao meu lado durante esse processo, tocando minha alma vagorosamente.

Por vezes vivi as metamorfoses exatamente como Coccia traz em seu livro: *“as metamorfoses são os dias onde tudo se parece com violência: aqueles em que em que os golpes que infligimos à nós mesmos parecem mais duros que os que o mundo pode*

nos enviar” (2020, p. 87). As palavras do autor, traduziam minha percepção de estar encerrada em mim mesma. Como Coccia (2020, p. 100), entendi que “*o casulo é a prova de que a metamorfose é antes de tudo a relação que temos com nós mesmos*”.

A relação com minhas metamorfoses, foi a espinha dorsal para a escrita desse texto. O exercício da escrita livre, foi outro gatilho de inquietações, provocando movimentos de tensão e libertação. Hoje tais escritos dialogam com essas reflexões:

*Algo movimentou internamente, não sei o que é, só sinto.
Por onde estou?
Por onde caminhar?
Por onde seguir?¹*

O caminho, acredito, seja olhar com profundidade e amorosidade a natureza interna, os gestos da criança que fui, dos quintais que habitei e da criança que habita em mim hoje. Seria essa criança interna que nos impulsiona à nossa conexão com a natureza de fora?

Meu trabalho final caminha como um mapa a ser percorrido do meu ser interior na jornada da “Natureza que Somos”. Buscarei resgatar minha criança interior, alinhavando-a a minhas práticas pedagógicas, para que possa, enfim, reverberar em ações genuínas de ser e estar no mundo junto das crianças.

¹ Notas autorais do exercício de escrita livre de 01/06/2021

A CRIANÇA QUE FUI

“A memória só é possível na condição de infância.”
Renato Nogueira

Ao pensar nesse itinerário interior faz-se necessário olhar para minhas memórias de infância, da criança que eu fui e dos quintais que habitei. Adriana Friedmann (2020, p.26) nos convinda a esse resgate quando diz que, *“revisitar a nossa própria biografia, o percurso de vida ou recortes de alguns períodos ou episódios, assim como conhecer narrativas de vidas alheias, abrem portas sensíveis para o mergulho na existência de tantos seres humanos.”* O que somos nós sem nossas memórias? Sem nossas narrativas?

Alguns quintais tenho gravado em meu corpo e alma, mas não em memórias, como o quintal que habitei quando era bebê. Sempre ouvi de minha avó e de minha mãe que nos meus primeiros meses de vida tirava longos cochilos tomando banho de sol no jardim da minha primeira casa. Já criança, lembro-me de ter muitas plantas e de coletar folhinhas e florezinhas para fazer comidinha. Hoje tenho consciência que se tratava de um ritual sagrado da minha infância.

Sempre morei em casa, sempre tive o espaço físico quintal com plantas e chão de terra. Transitei também por diferentes quintais, pela praia e sítio. Revisitar esses ambientes, por meio de fotos, conversas com minha mãe e recordações pessoais de infância, rememoraram em mim a noção de intimidade do poeta cianceiro Manoel de Barros:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (Barros, 2010, p.67)

Na minha adolescência e juventude essa intimidade com as plantas, com o quintal, descrita por Barros (2010, p. 67), foi rompida. A natureza presente nesse espaço passou a ser mera decoração e não deveria mais ser tocada. Nesse mapa de visitação de lembranças, minhas memórias revelaram um afastamento do encantamento infantil e na escola não encontrei memórias de estar em vivências no ambiente natural.

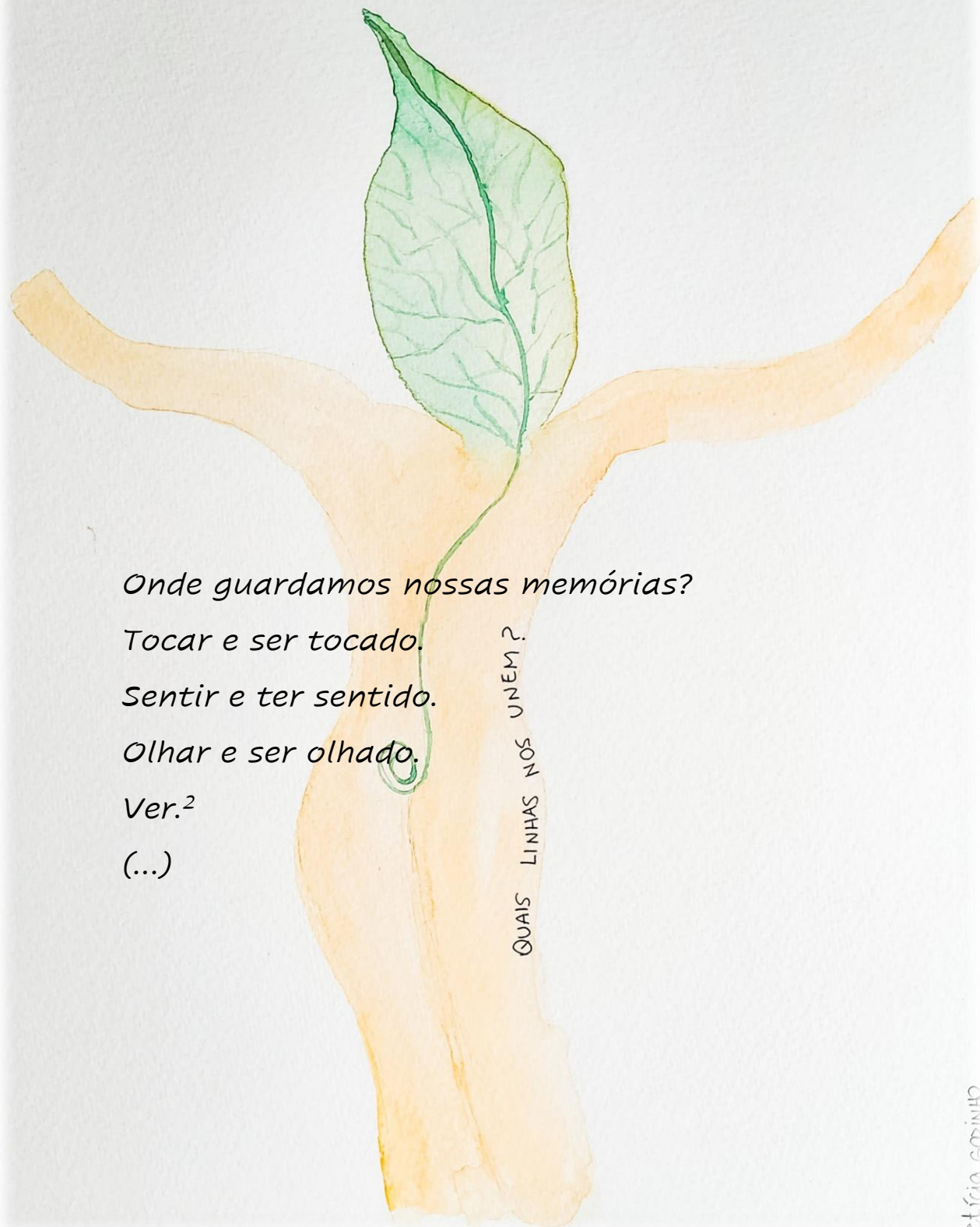
Tínhamos, e ainda temos, dois coqueiros bem grandes e os coquinhos faziam um grande tapete no chão. Esse tapete era considerado sujeira pelos adultos ao redor. Esse conceito da natureza enquanto um objeto decorativo, que absorvi pelo exemplo dos mais velhos, me fez ter raiva de algumas plantas da minha casa por causa da “sujeira” que faziam.

Na escola, por outro lado, a natureza era apresentada como algo distante, encerrada em florestas e livros. Dessa forma, o vínculo que havia estabelecido com a natureza da minha primeira infância foi quebrado pela minha vivência familiar e pela minha educação formal, a natureza era algo fora de mim.

Em seu livro “A última criança na natureza”, Louv (2016) convoca-nos a perceber sobre como a alienação de crianças e jovens em relação a natureza vem aumentando, não somente em decorrência dos avanços tecnológicos, mas também por causa da forma com a sociedade apresenta e vivencia a natureza.

Carregando os véus da ruptura com o natural dentro de mim, tornei-me adulta e professora de crianças pequenas. Observei a relação ancestral que as crianças têm na e com a natureza. Iniciei movimentos internos, resgatando a menininha que adorava plantinhas, fazia comidinha com as flores e sementes. Reencontrei essa garotinha enterrada nas camadas mais profundas da minha natureza.

Nesse processo de encontros e reencontros com a infância, encantei-me com a pesquisa o gesto, as coletas e brincadeiras das crianças. Em uma palestra Tim Ingold disse sabiamente que precisamos da curiosidade das crianças bem novas e assim fui maravilhando-me constantemente. O encanto trouxe-me até aqui, mas o encanto apenas não basta. É preciso descobrir como acessei a memória da alma.



² Notas e aquarela autorais do exercício de escrita livre – 23/02/2021

MAPA DA ALMA

Olhar a distância é manter-se ao abrigo, é não se sentir implicado. David Le Breton

Resgatar e conservar as memórias da infância, trazer para a luz como foi o distanciamento e a reaproximação da natureza foi essencial para compreender como e porque cheguei até o percurso da “Natureza que somos”.

A vivência com a pesquisadora Naine Terena permitiu-me cartografar o percurso o feito pelo meu corpo em direção à minha ancestralidade. Terena trouxe na corporeidade, a memória da criação de gestos e a dança da vida, ativando o meu despertar.

Com a expressão “dançar a vida” gravada em minha alma, dancei e dancei e dancei outras tantas memórias, que ganharam gesto e forma. Esses movimentos ressignificaram, constituíram e traçaram meu mapa interior.

Ao mesmo tempo que o corpo foi resgatando essas raízes era convidado, num fluxo corpóreo - cósmico, a reconhecer o mundo, e:

ao conhecer o mundo, ao entrar em interação com ele, ao imprimir nossas marcas, esse mundo também realiza seu conhecimento sobre nós. Aquilo que vemos e sentimos influencia nossa interação. Somos sempre influenciados e modificados por aquilo que vemos e sentimos e modificamos. (Mendonça, 2005, p.108).

Tocamos e somos tocados pelo mundo. Adentrar minha natureza interior, e percorrer as linhas que nela se encontram, reverberou nos verbos trazidos comigo no início desse percurso, a saber: experimentar, investigar, sonhar e olhar. Essas atitudes, traduzidas em verbos, caminharam comigo ao longo das vivências formativas, materializando-se em uma aquarela.

Ressignificar marcas e narrativas trouxeram autoconhecimento, mapeando internamente memórias. Pude entrar em sintonia com o vivo, caminhar com coerência para o terrestre e, como nos convocou a refletir Rita Mendonça, enraizar.

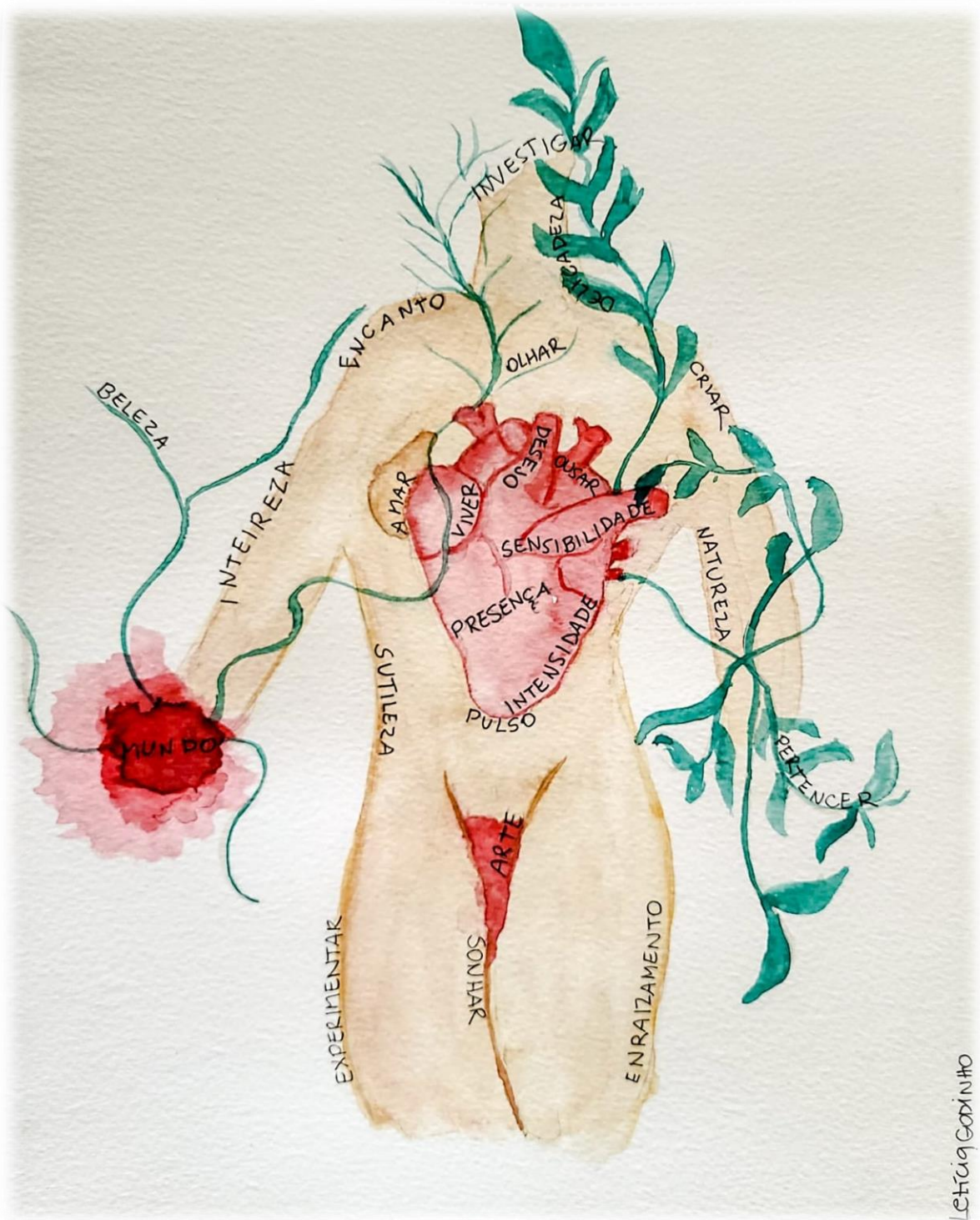
É primordial que possamos perceber o chão como nossa raiz. Nas vivências corpóreas com a Renata Maitino, na imersão de Jureia, pude sentir literalmente a minha raiz fincada no chão. Conectei meu corpo com as minhas raízes, encontrando meu centro. A ampliação da consciência corporal, traduziu-se em uma experiência profunda do corpo-casa com o organismo Gaia.

Minha natureza interior na natureza selvagem esteve aberta e tranquila, com todos os sentidos despertos. Meus pés, depois as mãos e, por fim, o corpo inteiro tocaram o chão, a mata, a terra. Lembrei de Breton: “para o homem não existem alternativas senão experimentar o mundo, ser atravessado e transformado permanentemente por ele. O mundo é a emanção de um corpo que o penetra. (Breton,2020, p.10)”.

Experimentar a natureza de fora também levou-me para natureza de dentro. Assim foi com a **caminhada silenciosa**, uma atividade da abordagem Sharing Nature, do professor Joseph Cornell. Foi sugerido que caminhássemos afastados dentro da mata, de modo que cada participante teria seu tempo para percorrer a trilha inteira sozinho. Pareceu-me assustador. Ao mesmo tempo a caminhada foi uma revolução.

A revolução de, apesar de pensar nos perigos, confiar em meu corpo e sentir-me segura. Foi possível vivenciar sensações profundas: sentir o silêncio, o vento e os cheiros de cada parte do trajeto. Por alguns instantes alimentei-me das palavras de Simone Vell “a atenção humana é a forma mais rara e pura de generosidade”. Percebi a diversidade, a beleza, a existência de cada ser e me senti parte da floresta. Talvez essa seja a sensação que as crianças têm ao estar na natureza, por menor que ela seja.

Agora estou inteira. Minha revolução todos os dias será honrar toda vida que carrego em meu corpo, parafraseando Krenak, *ser radicalmente viva* e propiciar que mais e mais crianças não percam o seu estado natureza.



Letícia Cordeiro

A NATUREZA DO SER E A NATUREZA DO SER EDUCADORA

*Você tem flores na cabeça
E pétalas no coração
Tem raízes nos olhos,
excitação(...) Liniker*

A cartografia do caminho entre a natureza do ser e a natureza da prática pedagógica se reencontram, redesenhando meu ser educadora. No caminhar entre visitar a criança que fui, e percorrer as linhas da minha alma, chego no meu ser educadora das infâncias, entrelaçando memória e excitação.

Foi na escola pública na cidade de São Paulo que me aproximei das relações genuínas das crianças com o mundo e com a natureza. Sempre tive o privilégio de trabalhar em escolas que ofereciam muita área verde. Esses espaços possibilitaram a observação de como as crianças ocupavam o lado de fora que, a princípio, resumiam-se ao horário do parque.

Foi junto das crianças que ganhei sensibilidade. Aprendi a olhar de novo, fui raspando toda aquela terra seca para desenterrar aquela menina, e viver a outra infância, a infância como experiência, como sugere Kohan:

Uma é a infância majoritária, a da continuidade cronológica, da história, das etapas do desenvolvimento(...)existe também uma outra infância, que habita outra temporalidade, outras linhas, a infância minoritária. Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação(...)somos habitantes dos dois espaços, das duas temporalidades, das duas infâncias. Uma e outra infância não são excludentes. As linhas se tocam, se cruzam, se enredam, se confundem (...) (Kohan, s/d, p.4)

Com muitos véus não apenas no olhar, mas no corpo inteiro, comecei a tatear, intuitivamente, novas formas de aproximar-me da natureza e das infâncias. Eu possibilitava que as crianças pudessem explorar, vivenciar e estar na natureza. Por meio dessas trocas de vivências, minha criança interior foi sendo regada pela seiva da vida. Mantive o olhar dessa criança interior e a seiva da vida como guias, ressignificando cada gesto e sensação por mim já experimentados.

Nesse sentido, me aproximo do “estado de infância” que o professor e filósofo Renato Noguera denomina estar sob o olhar da afroperspectividade. Para Noguera é a abordagem filosófica que traz a inclusão das vozes africanas e ameríndias ao contexto

da educação e da filosofia. Segundo as palavras do autor: “A infância é a condição de possibilidade de experimentação da humanidade individual através da vivência com outros seres humanos, afirmação da nossa condição de seres interdependentes. (Nogueira, 2018, p.631)”.

Sob esse mesmo ponto de vista, passei a compreender a interdependência entre todos os seres e Gaia. Percebi como os sentidos estão despertos na inteireza, no gesto, no brincar das crianças quando imersas no ambiente natural, como segue a abordagem:

A infância (ubuntu) pode ser interpretada como um elo de ligação entre a ancestralidade, futuridade e viventes (...) ubuntu é a afirmação que, para além dos cinco sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição), existe outro (sentido) que **chamamos de infância**. Um sentido que estaria mais aguçado nas crianças, mas que não é perdido pelos adultos. **Infanciar é ativar a infância em adultos** tornando viável a percepção de que as ações éticas e políticas precisam levar em conta quem já esteve aqui (ancestralidade) e quem estará (futuridade), além das pessoas que estão vivas na atualidade. (Nogueira, 2018, p.631/632)

Ao infanciar ano após ano, junto dos meus pequenos e pequenas, acabei por chegar em uma escola, em meados de 2010, que havia um grande jardim. Era um jardim-floresta, como acabou batizado pelas crianças com o passar dos anos. Eu me senti provocada a desbravá-lo. Ocupar esse espaço era um grande desafio. O jardim era todo todo cercado. Tratava-se de um lugar de natureza apenas da contemplação.

Pular o cercado com as crianças foi um ato de resistência e pertencimento, ainda que essa consciência viesse muitos anos depois. Na época esse gesto era lido, pela grande maioria dos adultos como “rebeldia”. Foi preciso alguns anos, e algumas mudanças de gestão na escola, para convencer a comunidade escolar adulta que o espaço devia ser ocupado com as pesquisas das crianças. Finalmente, parte do cercado do jardim-floresta foi cortado.

Habitei esse jardim-floresta por muitos anos. A cada turma, novos encantos, estranhamentos e descobertas, novas maneiras de aterrar e pertencer àquele lugar. No último ano que estive nessa escola, já passávamos a tarde inteira ali, nos nutrindo e construindo memórias. O lado de dentro quase já não existia. Três anos se passaram longe dali, da relação próxima com as crianças.

Quando retornei à essa escola, encontrei um móbil construído coletivamente por mim e pelas mãos das crianças com elementos naturais tantos anos atrás. Pisar na grama, olhar a copa das árvores, ouvir a sinfonia de bem-te-vis, esperar anoitecer e

admirar o pôr do sol, emocionar-me, deixar uma lágrima surgir e as memórias florescerem, revelaram-me que esse jardim-floresta foi e é meu lugar em Gaia. Esse foi meu lugar por muitos anos. Como disse-me uma amiga: meu “portal encantado”. Desabei.

Foi ocupando e descobrindo esse território encantado, que surgiu meu impulso de



Figura 1 - Fotografia autoral: "Uau, olha o tatuzinho", 2014

viajar na natureza selvagem, conhecer parques da cidade e pesquisar sobre criança e natureza. Nessa caminhada pelas trilhas da vida, cheguei no grupo de estudos Educação, Infância e Natureza da Ana Carol Thomé⁴. Foi esse lugar em Gaia que me despertou para as belezas e miudezas da vida. No meu jardim-floresta fui aprendendo com as

crianças essa intimidade, descrita por Nogueira:

Afirmar a proximidade das crianças em relação às forças divinas quer dizer justamente que elas estão numa dimensão que não as separa radicalmente do mundo natural. Natureza e cultura não estão cindidas nisso que chamamos de condição de infância. Por fim, mitã e kyringue, no contexto da filosofia teko porã, nos convidam a compreender a infância e, ao mesmo tempo, as crianças como inventoras de novos mundos. Principalmente, porque **a infância é a retomada da importância de tomar a natureza como um sujeito ético** (Nogueira, 2018, p.11)

A relação com o jardim-floresta foi revelando não apenas uma identificação ou afeto pelo ambiente, mas também uma ligação sinestésica e poética com a natureza. Comecei buscar as miudezas, e a maravilhar-me com os detalhes, assim como as crianças o fazem diariamente. A corporeidade trouxe uma outra maneira de estar ali.

Com os véus caindo e a infantilização pulsando, com a intenção de habitar de maneira genuína e não mais intuitiva o lado de fora da escola, com a provocação de Louv

⁴ Ana Carol Thomé, idealizadora do programa Ser Criança é Natural, estudiosa e formadora sobre a relação criança e natureza.

(2018, p.29/30) que na natureza, a criança encontra liberdade, fantasia e privacidade, seguiu ocupando o território com as crianças.

Dos momentos poéticos-sinestésicos vivenciados no jardim-floresta, marcou-me a relação que as crianças construíram com o elemento fogo. Apresento, a seguir, uma pesquisa das crianças sobre o fogo, realizada em 2021. Ao descrever esse estudo, tenho como propósito exemplificar a perspectiva infantil do brincar, a forma de ser e estar das crianças no meio natural e como o ser humano aprofunda sua relação com a natureza.

Das explorações e descobertas sinestésicas-poéticas livres e a construção de vínculo com o jardim-floresta, houve algo que chamou muito a atenção das crianças: a



Figura 2 Composição autoral - Coleta de Gravetos, 2021

coleta de gravetos. Primeiro coletaram para brincar de “pega gravetos”, porém não era uma pega varetas, era um brincar simbólico com o fogo. A brincadeira, inventada pelas crianças, foi batizada de Fogo, Foguinho. Segundo as regras, por elas elaboradas, cada criança

pegava um graveto na sua vez, se os demais gravetos se mexiam, gritavam: QUEIMOU, e a jogadora ou o jogador perdia a vez.

Brincaram também de fazer fogueiras, churrascos e a cada dia as brincadeiras iam ganhando novas crianças, novas descobertas e muita, muita coleta. Até que decidiram que era hora de fazer uma “fogueira de verdade”. Assim combinamos de coletar ainda mais gravetos e folhas secas e fomos conversando sobre como e onde a fogueira seria feita.

As conversas fizeram emergir muitas vivências sociais das crianças relacionadas ao fogo: a discussão sobre nunca terem se aproximado do fogo, sobre ter vela em casa e soprar nos aniversários, sobre churrascos que já tinham participado etc. Nesse sentido, Gandhi Piorski traz uma importante reflexão sobre a natureza, cultura e o modo de fabular suas narrativas:

A cultura é uma extensão da natureza (...) A experiência do mundo natural é espelho de calhas oceânicas do imaginar. A criança encontra-se com a natureza, a vida social, as matérias do adulto (incluindo seus

gestos), os artefatos e a imaterialidade da cultura, para realizar a tarefa imaginária atemporal de desmanchar o mundo ou, num dizer alquímico, corrigir a natureza. A criança, com sua capacidade de fabular, é impulsionada a recriar o real no irreal. (Piorski, 2018, 31)

Após a coleta, chegou o dia de fazer a fogueira. Com todos sentados em volta de uma pequena fogueira, contemplando os gravetos acabarem de queimar, Kenya, uma criança de cinco anos diz: “A gente é morador da floresta e continuou seu raciocínio explicando: é porque a gente fez fogueira né? E tá aqui sentado junto.”

Esse entendimento da pequena inquietou-me. Por que será que disse isso? Que relação fez? Conversando com Kenya, foi

possível entender já tinha visto isso num vídeo ou televisão, mas ela não soube bem explicar. Kenya também compartilhou que nunca havia feito fogueira ou ficado perto do fogo. Louv (2018, p. 23), nos aponta nessa direção sobre o saber de ter visto e não vivenciado: “É provável que uma criança hoje saiba falar sobre a floresta Amazônica, mas não sobre a última vez que explorou alguma mata sozinho ou deitou-se em um campo ouvindo o vento e observando as nuvens.”

A escola e a sociedade ensinam, desde muito cedo, a evitar as experiências diretas na natureza. A fogueira de nosso grupo na escola, permitiu que as crianças relacionassem seus conhecimentos prévios sobre o fogo com uma vivência real e profunda desse elemento.

Brincar com fogo na infância ainda é tabu nas escolas. Na educação infantil ou ensino fundamental, existe o medo do perigo, da reação das famílias e até mesmo a justificativa de que a criança poderá querer manipular o fogo em outro momento, sem acompanhamento de um adulto. Receios que estão intimamente ligados a esse lugar de afastamento - do próprio adulto com o fogo - que Louv trata.



Figura 3 Composição autoral – Experiência com fogo, 2021

É arriscado brincar com o fogo, mas as brincadeiras de risco devem fazer parte das experiências da infância. Nelas as crianças aprendem sobre limites, segurança e autocuidado.

Tais receios, no contexto escolar, são em parte são por esse afastamento e parte por uma concepção de criança que não é capaz, de uma educação numa perspectiva adultocêntrica.

Ao mesmo tempo, vive-se num tempo em que as pessoas são envolvidas por vários apelos transitórios e superficiais. A sensação que paira é de que dar profundidade às coisas representa perder tempo, seja na escola, com os conteúdos engessados, seja em nossa vida, engessada pela rotina enlouquecedora.

É urgente romper essa lógica. A sociedade precisa pensar os espaços de vivências e materialidades das infâncias como grandes quintais. Urge compreender que ambientes convidativos às produções das culturas infantis, como os das minhas memórias e o jardim-floresta, são essenciais para uma Educação integral do ser humano.

Outro aspecto importante é o lugar da ancestralidade. A justificativa da Kenya: **a gente tá aqui sentado junto**, vem desse lugar: da roda ao redor do fogo para se aquecer, contar histórias, estar junto. Em outra passagem de seu livro Piorski nos convida a pensar sobre nossas camadas mais profundas: “O fogo da terra, no brincar, é um fogo dos mundos internos, das camadas subterrâneas. (Piorski, 2016, p.141.)”

As crianças ficaram encantadas, contemplando com olhos vibrando as chamas e ainda tiveram a iniciativa de pegar um graveto grande para cutucar o fogo. Eu peguei o fogo, disse outra criança ao ver seu graveto com uma pequena chama na ponta. A chama da vida, aprendemos sobre a nossa natureza interna, aquela que precisei ir resgatar por ter se rompido em algum momento da minha vida. Dessa maneira, as crianças e eu experimentamos o encantamento com o fogo, abrindo os caminhos para as práticas de *Sharing Nature*.

Do encantamento com fogo às práticas de Sharing Nature

Essa passagem sobre a natureza educadora e o fogo, contribuiu para aprofundar a relação entre a minha criança interior e a natureza das práticas pedagógicas. Hoje, em outra escola, com muito mais cimento que área verde, baseado na abordagem Sharing

Nature, do professor Joseph Cornell, procuro propiciar vivências mais profundas na natureza.

Inicialmente, conversei com as crianças desse novo agrupamento sobre como eu me sinto na natureza, meus encantamentos. Cornell diz que só assim podemos transmitir amor e respeito à Gaia e aprender com o coração.

Também compartilhei as vivências, descobertas e pesquisas de outras turmas que já estiveram comigo. Essa atmosfera de encantamento foi fundamental para despertar o entusiasmo em habitar os espaços verdes da escola. Fomos conhecendo nosso território, e assim nos apropriando dele, para que depois pudessem emergir as vivências de Sharing Nature. Podemos perceber isso nos registros do Diário de Bordo⁵:



Figura 4 - Composição autoral: Coleta de sementes - 2022

Hoje foi o primeiro dia de nossa turma ir ao parque 2. A primeira coisa que repararam foi as vagens de uma árvore que caiu no espaço. “-Ela espalha sementes parecidas com melancia!”, as crianças disseram. Os e as estudantes brincaram muito de coletar, abrir as vagens, separar as sementes. (Professora Leticia Godinho, 11/02/2022)

Com o passar dos dias, com a criação de vínculos entre as crianças e o ambiente,

o grupo vai avançou em suas observações:



Figura 5- Composição autoral: Comidinhas - 2022

O grupo também segue muito observador com a natureza ao nosso redor, encontraram um pequeno inseto (parecido com um besouro). Com um graveto ficaram brincando com o bichinho de passar de um galho para outro. Algumas crianças, depois que eu o peguei na mão, se sentiram encorajadas a tocá-lo também, percebendo que suas patinhas faziam cocegas.

Passaram longos minutos ali, observando os movimentos e gestos do bichinho até que por fim ele cansou dessa dança com as crianças e voou. (Professora Leticia Godinho, 25/02/2022)

⁵ Diário de Bordo - modalidade organizativa para planejar e registrar os processos coletivos da turma na Prefeitura de São Paulo

Outro fragmento de registro revelou como as crianças estão a cavar, cutucar e procurar o quem tem dentro, como Piorski costuma dizer, procurando a natureza das coisas:

Hoje a terra úmida da chuva do dia anterior possibilitou muitas pesquisas de cavar e modelar bolos. Eu ganhei até uma festa de aniversário com bolo todo decorado. É possível perceber a qualidade estética nesse grupo ao fazer bolos, eles coletam folhinhas, gravetos, flores e decoram com atenção e muito cuidado. Coletar e preparar é um movimento muito forte no grupo. (Professora Leticia Godinho, 08/03/2022)

Vemos, assim, que as crianças criam seus territórios carregados de significados e que circunscrevem sentidos de pertencimento. Elas produzem cultura, as culturas infantis e possibilitam uma investigação profunda com o natural, como nos mostra Piorski (2016, p. 74):

Os brinquedos da criança permitem a inquisição livre do olhar, a sondagem e a investigação da natureza, o encontro com a integridade de suas formas, com a individualidade oculta em seus contornos e texturas, com a intimidade de inúmeros modos de ser.

A abordagem Sharing Nature contribui na perspectiva de proporcionar a investigação, a conexão, a presença, os sentidos, a delicadeza do gesto, e o contato amoroso com a natureza. Rita Mendonça trouxe esse olhar com sensibilidade no prefácio de Vivências com a natureza, de Joseph Cornell (2008).

Em seu livro Cornell aconselha primeiramente a ensinar menos e compartilhar mais. Essa dica tem sido meu norte desde então. Minhas propostas de vivências na natureza inspiraram-se nas ideias de Cornell (2008) e assim pude ir avançando em minha prática. Algumas das atividades descritas no livro do autor, são constantemente usadas e adaptadas para meu agrupamento. Em uma delas, o “Faz de Conta”, as crianças foram convidadas a imaginar um elemento (árvore, pedra, animal etc.), imitando-o. Depois que cada um escolheu quem queria ser, foi preciso pensar nos movimentos, nos gestos e na forma de existir desses elementos escolhidos. Propus essa vivência duas vezes e percebi um aumento significativo da concentração das crianças ao longo da experiência.

Outra vivência que concretizei foi a “Receita de Floresta”. A atividade foi desenhada por Cornell para crianças de sete anos. Foi preciso, portanto, adaptá-la para grupos de cinco anos.

Na versão original cada criança ganhava uma “escritura” para criar sua própria floresta. Então as crianças criavam uma lista do que queriam colocar na floresta, para

enfim desenhar os elementos escolhidos. Na versão que fiz com a minha turma entreguei papel e canetas, convidando-as a pensar como elas imaginam o que numa floresta deveria ter. As crianças falavam: árvores, animais, pedras, arco íris, frutas, minhocas.

Porém o mais fascinante foi, ainda que não tenham verbalizado durante as conversas, a maioria das crianças **se desenhou** na floresta, como mostram alguns dos desenhos abaixo. Essas ilustrações revelam que, para as crianças pequenas, não há separação entre a natureza e o ser humano.

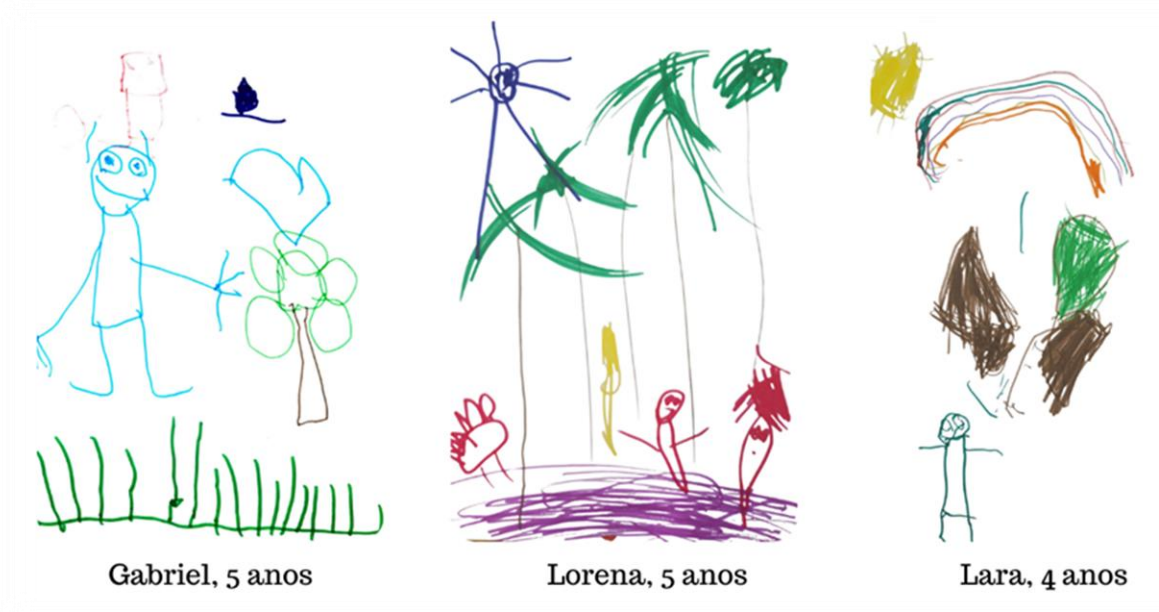


Figura 6 Desenhos Infantis: Receita de Floresta - 2022

Fugindo da lógica vigente e adultocêntrica, que diz que “a natureza selvagem significa o oposto do que é humano, indicando ausência de cultura, e, portanto, ausência de humanidade, como traz Rita Mendonça (2005, p.72)” as crianças carregam consigo seu estado de SER natureza.

O TODO INDIVISÍVEL

“-Preciso colocar o meu bolo para assar”, ele pensa por alguns instantes e complementa: “-Vou colocar no sol pra ele crescer, o sol é quente e esquentar”. (André Luiz, 5 anos)

Carregando o calor do sol nas palavras, como Manoel de Barros (2015) carrega água na peneira, chego à alma, infância e natureza, o tal todo indivisível. As palavras de André me puseram a pensar se não é assim na vida também, calor, afeto, casulo, transformação e crescimento.

Reconhecer as crianças como produtoras de cultura e ouvi-las com todos os sentidos têm sido a premissa desde que desenterrei minha criança interior e foi também das proposições da abordagem Sharing Nature. Tal abordagem mostrou-me o que já desconfiava: quando as pessoas vivem com inteireza sua relação com a natureza, como sujeitos de direito, sentem-se pertencentes, desenvolvem relações amorosas, criativas e poéticas. Tenho para mim, que uma prática genuína no mundo implica nesse lugar de SER inteiro.

Rita Mendonça (2005) em “Conservar e Criar” nos chama a pensar nessa relação com o mundo, criança, adulto, educadora, todos imprimimos algo no mundo e em nós mesmos e nos provoca a nos questionar o que queremos transformar, que mundo queremos e como faremos para alcançá-lo:

“Continuaremos a transformar o mundo. Enquanto houver humanos sobre a Terra, isso acontecerá. Não há como pensar a presença humana neste planeta sem as transformações que são inerentes à nossa natureza. Aqui estamos para transformar, e foi o que sempre fizemos, O que nos interessa saber agora, é como e o que transformar. É utilizarmos nossa capacidade de fazer escolhas conscientes.” (Mendonça, 2005, p. 99)

Carrego agora um olhar mais amoroso à Gaia e ao gesto das crianças. Essa nova perspectiva vai permitir ser uma professora que faça escolhas mais conscientes, com inteireza, humanidade, presença e sensibilidade, pois as crianças evocam diariamente, e merecem, uma escola mais humana e natural que dialogue com seus encantamentos com as belezas do mundo.

Por essa razão, sinto agora a necessidade de conseguir aproximar-me dos demais educadores das escolas para que, juntos, transformemos as escolas infantis, tão

escolarizantes, um grande quintal de gaia, onde de fato as crianças possam ser inteiras e terem tempo, o tempo delas, para que possam ser natureza.

Nesse findar consigo perceber e acompanhar todo ciclo dos coqueiros, que ainda me fazem limpar o quintal. Hoje posso maravilhar-me com os cantos e algazarras das maritacas que habitam suas copas, descobrir diferentes linhas e formas em seus troncos. Desenvolvi uma relação de afeto e cumplicidade com os coqueiros do meu jardim.

E o mapa da minha alma? Tenho a alegria de poder chegar ao fim desse percurso sabendo que está enraizada junto ao meu corpo, habitando Gaia com toda inteireza das crianças.



6

INSPIRAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo – Antologia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. 1ªed. - Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a Natureza – Guia de atividades para pais e educadores**. São Paulo: Aquariana, 2008.

KOHAN, Walter. **A infância da educação: o conceito de devir-criança**. In **Educação Pública**. Rio de Janeiro, CECIERJ, s/d. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>>. Acesso em 28/03/2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2020.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza – Resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2018.

MENDONÇA, Rita. **Conservar e criar – Natureza, cultura e complexidade**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

NOGUERA, Renato. BARRETO, Marcos. **Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética Afroperspectivistas** In: *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez. 2018.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do Chão - A natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016